

Do espaço sagrado ao ato infracional¹: notas de pesquisa

From the sacred space to the criminal offense

Anibal Pires²

Daniel Rodriguez de Carvalho Pinheiro³



Resumo

A pesquisa⁴ foi concebida e efetivada mediante observação da importância da moradia no contexto de nossa realidade social e, por conta dos discursos proferidos pelos adolescentes infratores quando da efetivação do estudo sobre A Família do Adolescente Infrator (O relacionamento com os avós e o ato infracional). Com isso, produziu-se por meio de entrevistas, a coleta de dados junto ao Juizado da Infância e da Juventude de Fortaleza, materializando um conteúdo empírico de muita relevância. Os dados quantitativos foram tabulados e revelaram um quadro de muita pobreza no contexto das moradias aludidas pelos jovens. Quanto aos dados qualitativos, os resultados foram surpreendentes, uma vez que a maioria dos jovens manifestou que gostava de sua casa. Porém, também foi possível detectar que esses mesmos jovens têm vergonha de suas moradias. É

oportuno pontuar que grande parte das moradias situava-se em diversas favelas de Fortaleza. A conclusão evidencia que a moradia é parte coadjuvante do ato infracional, sendo considerado um espaço sagrado pelo jovem, assim como para os homens primitivos, bem como, também, para grande parte de nossa população, independente de classe social e ou status econômico,

Palavras-Chave: **Moradia; Adolescente; Sagrado; Ato infracional.**

Abstract

This research focused at the importance of the housing environment in the context of our social reality and the behaviour of offense-committing teenagers studied in another article. There were relevant interviews conducted in Fortaleza's minor court, due to the empirical content. Quantitative data was processed and it was revealed that the minors live in very poor areas, in the outskirts of Fortaleza. As to qualitative data, there were surprising results, as the minors informed that they liked their homes, but, at the same time, they demonstrated shame at their living conditions, located in slums (favelas). This leads to the conclusion that the housing condition affects the offense-committing behaviour, as it is considered a sacred place both to our ancestors and to the majority of population nowadays.

Keywords: **Housing; Adolescent; Sacred; Criminal offense.**

1 Introdução

É evidente a problemática do crescimento da violência no Brasil, principalmente aquela que diz respeito aos adolescentes em conflito com a Lei, provocando na comunidade, em determinados momentos, muita preocupação e medo, com sérios resultados para a construção da subjetividade dos seus cidadãos. Frente a isso, são muitas as ciências que se

preocupam, por meio de estudos, em analisar e compreender o que está acontecendo, ao tempo em que produzem vários trabalhos de pesquisa, com o objetivo de estabelecer Políticas Públicas e, conseqüentemente, minimizar tal situação. Para tanto, os cientistas buscam os principais motivos que levam os jovens à efetivação dos atos infracionais, relacionando-os à fome, à pobreza, à separação dos pais, às drogas, às influências de amigos, à falta de limites, ao relacionamento com as avós, entre outros.

¹ Os dados contidos neste artigo foram extraídos da pesquisa: A Família do Adolescentes Infrator (O relacionamento dos avós e o ato infracional), realizada, em parceria com Juizado da Infância e da Juventude de Fortaleza, pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, sendo coordenada pelo Prof. Dr. Daniel R. de C. Pinheiro.

² Anibal Pires, professor da Universidade de Fortaleza, psicólogo do Juizado da Infância e da Juventude de Fortaleza, especialista em Planejamento Social e Sociologia, orientador da aludida pesquisa acima e autor deste artigo.

³ Daniel Pinheiro é professor universitário e moderador do Observatório de Cultura.. Ver www.observatorio.pro.br

⁴ Colaboradoras, Joílian B. G. de Holanda e Leila Paula Viana, alunas da UNIFOR a primeira do Curso de Direito e a segunda do Curso de Ciências Políticas, as quais participaram na coleta e tabulação dos dados.

Conscientes disso, este trabalho tomou por base os escritos que fundamentam a obra de DaMatta (2000, p.15), quando este manifesta a problemática “da casa e da rua”, no contexto brasileiro, possibilitando a construção de um rico objeto de estudo relacionado aos adolescentes infratores e suas respectivas famílias, qual seja, o espaço nuclear da moradia. Tratada neste artigo, como espaço sagrado, a moradia é objeto de profundo desejo entre os jovens, como coloca o referido autor:

“Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”.

Cabe completar e manifestar o significado da casa e da rua na argumentação psicológica. Quando Jung (1991) coloca a tese dos tipos psicológicos e o mito da caverna, ao tratar da crítica direcionada à Platão, oferece um grande passo para se compreender a relação entre dentro e fora, introvertido e extrovertido, entre casa⁵ e rua, entre ricos e pobres, entre espírito e matéria e outros. O autor em questão, considerado como um dos principais “seguidores” de Freud, coloca que existem muitas características arquetípicas pertinentes aos Homens, dentre as quais a introversão e a extroversão⁶.

No caso do sujeito extrovertido, as atitudes correspondem a movimentos “pra fora”; o significado da vida é buscado no meio externo, que, simbolicamente, representa a rua neste cenário. Ao contrario, no que diz respeito ao tipo introvertido, cuja vida interior figura como significado, no caso em estudo, é representante a casa.

É oportuno salientar que todas pessoas são extrovertidas e ou introvertidas. Elas dependem das circunstâncias e do momento que vivenciam, quando assumirão uma ou outra postura. Porém, naquilo que se refere à vida psíquica do sujeito e de sua interação com o mundo e consigo mesmo, utilizar-se-á as quatro funções⁷ básicas pertinente à consciência, quando a ação com o mundo se processará de forma diferente, evidentemente que em dependência do tipo psicológico predominante. A característica básica de cada tipo psicológico influencia na relação estabelece pelo sujeito com o meio externo e/ou consigo mesmo, seja ela na objetivação e ou subjetivação do indivíduo. A configuração resulta da práxis e da experiência imediata.

A necessidade de se estudar a moradia emerge com muita força, ao se verificar o controle dos estudos que mostram interesse na questão dos adolescentes infratores. Como deixam transparecer os estudos psicanalíticos e/ou analíticos⁸, o significado da casa na vida subjetiva dos sujeitos segue uma lógica bastante particular, em que cada local tem sua representatividade. Nos sonhos, como colocam Chevalier e Gheerbrant⁹,

“...o exterior da casa é a máscara ou aparência do Homem; o telhado é a cabeça e o espírito, o controle da consciência; os andares inferiores marcam o nível do inconsciente, a cozinha simbolizaria o local das transformações psíquicas”.

Do ponto de vista teórico-metodológico, é possível articular muitas categorias centradas num só tema de investigação, como a questão dos adolescentes em conflito com a Lei, confrontando essas categorias com dados empíricos e, ao mesmo tempo, configurando uma outra compreensão da realidade que se processa com o fenômeno em estudo. Os paradigmas sofrem transformações imprevisíveis, porém de extrema produtividade à ciência, uma vez que nos obriga a continuar na trajetória do mundo da pesquisa. A

⁵ “Como a cidade, como o templo, a casa está no centro do mundo, ela é a imagem do universo. A casa tradicional chinesa (Ming-t’ang) é quadrada; ela se abre para o Sol nascente, o dono da casa se volta para o sul, como o imperador em seu palácio: a implantação central da construção se faz segundo as regras da geomancia”. “A casa significa o ser interior, segundo Bachelard; seus andares, seu porão e sótão simbolizam diversos estados da alma. O porão corresponde ao inconsciente, o sótão, à elevação espiritual. A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal”. “Na Roda da Existência tibetana, o corpo figura como uma casa de seis janelas, correspondentes aos seis sentidos”. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994, p.196.

⁶ JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁷ As funções dizem respeito à relação “consciente” do sujeito, são elas: sensação, sentimento, pensamento e intuição. JUNG, C. G. Fundamentos da psicologia analítica. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁸ É oportuno esclarecer que a psicanálise analisa a fala do sujeito quando o assunto trata de sonhos ou processos psicoterápicos. No caso da abordagem junguiana a imagem tem significado, pois, no início, é analisada sem se utilizar a semiótica ou as metáforas. Carl G. Jung. Psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁹ JUNG, C. G. aput CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alan. Dicionário de símbolos. 8ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994, p.196.

transformação não se configura somente após delineados os resultados da pesquisa, tendo como consequência a produção de paradigmas; ela se processa ao longo do percurso, fazendo aflorar mudanças significativas nos pesquisadores e nos pesquisados, bem como na realidade, como um todo, comparadas apenas às transformações químicas e energéticas pertinentes ao mundo da Física.

Investigar a procedência e a veracidade de certos caminhos que indicam o relacionamento do adolescente com sua família e os membros de sua comunidade, no processo do ato infracional, é de muito significado, pois a violência¹⁰ é fundante nesse tipo de expressão da dinâmica social. Por isso, a família, interrelacionada com a comunidade, será considerada e analisada à luz da teoria da complexidade, com a ressalva de que o sistema não é absolutamente aberto, mas sim relativamente aberto, pois se tratará, aqui, de movimentos não somente físicos, mas também psíquicos,

Em conformidade com isso, a moradia se configura como espaço contraditório; às vezes um espaço sagrado e outras vezes abrindo terreno para a preparação do ato infracional, que aglutina pessoas numa dinâmica estabelecida pelas formas estruturais que regem a sociedade. Por isso, investigou-se e analisou-se a problemática da moradia no contexto dos adolescentes e de seus familiares, com pertinência àquelas que cometeram atos infracionais e cumprem medida sócio-educativa de internação e ou estão em semiliberdade, por decisão do Estado.

O processo desta pesquisa foi realizado tomando-se por base um universo aproximado de trezentos (300) jovens, donde se extraiu uma amostra que se configurou na seleção de trinta (30) adolescentes, ou melhor, 10% do total, todos escolhidos aleatoriamente. Os adolescentes e suas famílias foram entrevistados, ao se aplicar o instrumento de coleta de dados, (questionário), previamente elaborado, cujas perguntas versavam sobre a moradia e a relação estabelecida em seu interior. Aí, consideramos a casa como espaço privado, zona reservada aos afetos familiares e à aventura etérea do gozo e do recolhimento religioso.

Nesse sentido, apontamos para o desenvolvimento de um diálogo composto por três tópicos, quais sejam: 1) As Origens da Pesquisa, tratando do surgimento da pesquisa e do objeto em estudo; 2) O Perfil Quantitativo das Moradias, que aborda os temas do conforto e as condições de propriedade do imóvel e, para finalizar, 3) O Perfil Qualitativo da Moradia, evidentemente expresso pelos adolescentes e seus familiares nas entrevistas, através das quais manifestam julgamentos de valores pertinentes à visão dos próprios jovens.

As Origens da Pesquisa

Durante o processo de coleta e tabulação das informações de que trata a presente pesquisa sobre A Família¹¹ do Adolescente Infrator (O relacionamento com as avós e o ato infracional) foi possível detectar, na realidade em processo, a importância da moradia em relação ao ato infracional e, evidentemente, com o campo subjetivo relativo aos adolescentes. Para tanto, efetivou-se algumas perguntas junto aos jovens e suas respectivas famílias, ao tratar do assunto em tela. Houve o entendimento de que os benefícios gerados na comunidade devem ser compartilhados por todos os moradores. É prudente colocar que o ato infracional está estritamente relacionado às condições de moradia das famílias e outros derivados.

No sentido de se configurar a importância da casa e ou da moradia, fomos buscar em Chevalier e Gheerbrant (1994), quando tratam da caverna e, por analogia, da casa, os princípios que materializam os fundamentos da argumentação e da importância da residência no mundo das pessoas envolvidas na pesquisa. Os referidos autores colocam que o arquétipo do útero materno pode ser representado pela caverna, figurando nos mitos de origem de renascimento e de iniciação de numerosos povos. A caverna simboliza o lugar da identificação, ou seja, o processo de subjetivação do sujeito, Dentro de suas paredes, o indivíduo se torna ele mesmo, e consegue chegar à maturidade plena.

Para legitimar esse tipo de argumento, recorreu-se ao mito freudiano do “Totem e Tabu”, quando, por

¹⁰ BOCHE, Ana M. B. *Psicologias*. 8ª ed. São Paulo: Saraiva. 1995. p.283. “A violência é uso desejado da agressividade, com fins destrutivos”. “A agressividade está na constituição da violência, mas não é o único fator que a explica. É necessário compreender como a organização social estimula, legitima e mantém diferentes modalidades de violência”.

¹¹ O conceito de família diz respeito aos moradores da favela na maioria dos casos e uns poucos que moram nos bairros desta cidade e das cidades do interior, porém são pobres e encontram muita dificuldade de sobrevivência.

analogia, surge uma realidade repleta de poder e de imposição de limites, assim como se mostra delimitado o espaço das relações estabelecidas na moradia. Em seu interior, a falta de limites pode produzir a violência (a transgressão). Com isso, o uso da festa totêmica, como deixa transparecer Enriquez, E. (2003), permite a percepção do que lá acontece,

“(...) durante a qual são incorporadas as virtudes e os poderes daqueles que imaginam possuí-los, é o momento em que o grupo vive o sentimento coletivo, no transe e na excitação, em cada um pode ver no olhar do outro o mesmo ódio e o mesmo contentamento, identificar-se com o ao outro na medida em que este se torna seu semelhante pela incorporação de uma potência...”

É importante colocar que, durante muito tempo, a população sempre se preocupou com o seu habitat, com o “Universo” e, posteriormente, voltou-se para o Homem, cujos interesses científicos são relativamente recentes – “...têm apenas um século de História...”¹² – a preocupação com a família e/ou com o indivíduo. Com isso, é relevante alertar que a lógica instituída postula que a casa é de fundamental importância para as famílias e seus membros. Porém figura, atualmente, como objeto de enorme valor, ao mesmo tempo em que perverte a possibilidade de sua aquisição, sendo um mecanismo ideológico de conquista “perverso”, numa sociedade cada vez mais competitiva.

Perfil Quantitativo das Moradias

Depois de delineadas as origens do objeto de estudo, posto em debate, é significativo discutir a questão quantitativa do que lhe diz respeito, pois isso nos oferece elementos indispensável ao exercício de compreensão da relação entre a moradia e o adolescente infrator, pondo-se em evidência o ato infracional. Por isso, é prudente apresentar certos dados quantitativos, obviamente extraídos dos discursos proferidos pelos jovens e por suas famílias, durante o período do processo de coleta de dados, e, posteriormente, manifestar os dados qualitativos, associando-os, para,

com isso, delinear alguns traços do objeto em estudo. No formulário de coleta de informações foram efetivadas as seguintes perguntas: Quantos cômodos tem a casa? Em sua casa você possui quarto separado? Que você acha de sua residência?

Os dados quantitativos, como revelam o gráfico e a tabela abaixo, mostram que 33% das moradias tinham quatro (4) cômodos; que 16,5% tinha três (3) e que outros 16,5% contavam com seis (6) cômodos. As somas dos percentuais mostram que a grande maioria das famílias reside em casas com essas configurações, atingindo este índice a 66% do total de moradias dos adolescentes pesquisados. Porém, existem outras seis (6) moradias, ou melhor, 19,8% da amostra, em que três (3) delas têm sete (7) cômodos e outras três (3) com cinco (5) cômodos, cada qual representando 9,9% dos dados coletados. Com a coleta de dados, foi possível detectar que duas (2) casas eram compostas por apenas um (1) cômodo cada; em outras palavras e, como entende a comunidade, é cômodo um vão. Uma delas representava um percentual de 3,3%, num subtotal de 6,6% da amostra pesquisada. Finalizando, convém esclarecer que aparecem mais duas casas, sendo uma com oito (8) cômodos e outra com dois (2), aglutinando 7,6% do total de moradias pertencentes aos adolescentes - evidentemente que lançou mão de um arredondamento.

O elevado índice de moradias, 66% da amostra, dispõe de quatro (4), três (3) e ou seis (6) cômodos, mostrando uma realidade típica de péssimas condições de sobrevivência. A quantidade total de cômodos inclui: o banheiro, a cozinha, a sala, a área e os quartos. Suponhamos que todas as casas tenham banheiro e cozinha, o que resta mostra a precariedade da convivência, criando-se espaços para relações promíscuas. A gravidade do problema fica mais explícita na medida em que incluímos os dados referentes a um (1) e dois (2) cômodos, cujo somatório chega 14,2%. A soma dos percentuais atinge 80,2% dos entrevistados, materializando o que é óbvio a olho nu, quando nos deparamos com as favelas¹³ e becos tortuosos, existentes em todas as cidades do nosso país.

¹² CERRONI, Unberto. Considerações sobre a relação família-sociedade apud A crise da família e o futuro das relações entre os sexos. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1971. p.11.

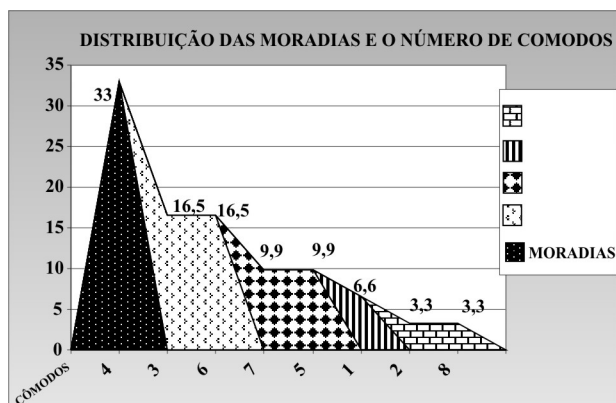
¹³ A favela é compreendida a luz da teoria da complexidade, conforme coloca Fritjot Capra. A teia da vida (The Web of Life) – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

Distribuição das moradias e o número de cômodos

Número de cômodos por moradia	Número absoluto de moradias e número relativo												
	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Totais	%	
4	10	33									10	33	
3			5	16,5							5	16,5	
6			5	16,5							5	16,5	
7					3	9,9					3	9,9	
5					3	9,9					3	9,9	
1							2	6,6			2	6,6	
2									1	3,3	1	3,3	
8										1	3,3	1	3,3
Totais	10	33	10	33	6	19,8	2	6,6	2	6,6	30	100,0	

Fonte: Pesquisa de Campo feita no Juizado da Infância e da Juventude de Fortaleza.

Um outro aspecto que também chama a atenção diz respeito à propriedade do imóvel onde moram os jovens, 46,2% dos entrevistados tinham moradia própria e 33% não respondeu à pergunta; a somatória dos dois percentuais atinge 79,2%. Da amostra, 9,9% reside em casa cedida, geralmente, por parentes; 6,6% das famílias convivem em casas alugadas e somente 3,3% possuem casa financiada.



Independentemente dos 33% das famílias que fazem parte da amostra e que não responderam à pergunta, constatamos um dado bastante representativo e que inclui aquelas pessoas consultadas durante a pesquisa, no interesse de fazê-los sair do local onde moram, uma vez que ocupam espaços públicos da Prefeitura e ou do Estado. Quando se faz esse tipo de abordagem, o morador fica em alerta e pensa que haverá interferência em uma moradia. Dos moradores,

46,2% afirmou que têm casa própria, garantindo a tese de que, aparentemente, são pobres absolutos, o que não corresponde à realidade dos fatos.

Devido a isso, convém trabalhar com a perspectiva de múltiplas determinações, nos atos infracionais, uma vez que a categoria Homem oferece muita complexidade e vai além das possibilidades de análise e interpretação concebidas pela ciência. Com isso, legitimamos um ser ontológico¹⁴, porém com diferenciais, pois o processo de individuação é próprio a todos os seres. A Educação é princípio básico para a diferenciação.

Assim fundamentado o assunto, perguntou-se aos adolescentes: “Em sua casa você tem quarto separado?” As respostas foram enfáticas e nos proporcionaram a feitura de um conhecimento rico em sua configuração e no processo de compreensão das relações que se estabelecem na família. Dos entrevistados, 79,2% manifestaram que não têm quarto reservado em suas residências e, 20,8% dizem gozar desse privilégio na moradia.

Perfil qualitativo da moradia na fala dos adolescentes

Do ponto de vista qualitativo, é significativo reproduzir determinados discursos produzidos pelos jovens, os quais foram expressos, em sua maioria, por meio de pequenas frases, trazendo, todavia, um rico conteúdo de análise e compreensão da problemática. Dos adolescentes que se manifestaram e que têm quartos separados, o discurso aponta para uma realidade: a de que, no conjunto das respostas, quase todos tentam garantir a privacidade. Dois (2) jovens não comentaram o fato de ter quarto separado em suas residências. Entretanto, quatro (4) adolescentes assim se expressaram:

“Pra mim e o meu filho tem somente um quarto” (...).
 “Minhas duas irmãs dormem em um quarto. O pai e a mãe dormem na sala. Mamãe fez um quarto pra mim agora” (...). “O tempo que estive em casa sempre dormi em quarto separado” (...). “Eu dormia mais no quarto com minha mãe” (sic).

A distribuição dos componentes da família, como no primeiro caso, mostra a renúncia de poder

¹⁴ Dicionário da Língua Portuguesa: “Parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres”. p.999.

Palavra utilizada por C. G. Jung para indicar o processo de construção da vida e os caminhos a serem alcançados pelos sujeitos. O conceito de neguentropia deu origem a questão do processo de individuação levantado por Jung. Assim como também o conceito de tendência atualizante em Carl Rogers quando trata da questão do estado psicológico do sujeito. Antes de ser psicólogo Rogers era um biólogo e, como tal, fez experiências com plantas para definir certos conceitos. Neguentropia é um conceito da biologia. A busca do prazer em Freud pode ser considerado como um conceito correlato.

dos pais, muito embora se possa também considerar que nessa distribuição, busca-se a solidariedade entre filhos e pais. Seriam eles aquele tipo de pais que fazem tudo que os filhos querem, esquecendo-se de que se deve colocar alguns limites necessários ao convívio social. Porém, a questão do poder sempre prevalece no conjunto das relações, conforme coloca Foucault¹⁶.

A necessidade de reflexão sobre o assunto leva, forçosamente, à descrição e à análise dos discursos proferidos pelos adolescentes. Todos, ou seja, 79,2% não tinham quarto separado em suas residências. A fala dos entrevistados assim define o contexto:

“A casa possui somente dois quartos”(…). “Moram onze (11) pessoas em casa. Durmo com outras pessoas”(…). “Os compartimentos são grandes”(…). “Não tenho quarto separado, durmo na cama da sala”(…). “Quando eu morava com a mãe eu tinha”(sic), referindo-se ao quarto separado. “Eu durmo na sala”(…). “Durmo num quarto, eu e meu irmão de dezenove anos”(…). “Durmo com meu irmão de doze anos”(…). “Durmo com dois sobrinhos que são criados pelos meus pais (avós)”(sic).

Os discursos apontam para famílias¹⁷ tradicionais e extensionadas, pois aglutinam uma quantidade representativa de pessoas em cada lar. Engels, retomando a tese de Morgan, como coloca Michel (1983 p.37), manifesta em como se dá o relacionamento em família:

“Na família as relações entre homens e mulheres, num primeiro momento, transcorriam de forma promiscua, sem qualquer compromisso familiar. O comercio sexual era objetivado entre os humanos sem nenhum preconceito moral, as relações tinham a finalidade de satisfazer as necessidades instintivas”.

Essa visão antropológica das relações, entre as famílias dos adolescentes pesquisados e as famílias primitivas, permite-nos perceber e compreender o ato

infracional, que o mais das vezes remonta aos rituais primevos manifestos pelos povos primitivos¹⁸. É bastante comum, no discurso dos jovens infratores, a incorporação de uma entidade sobrenatural, justificando o ato delituoso cometido.

É importante fazer emergir uma breve discussão em torno do conceito de adolescência, ao estilo dos mitos gregos. Aponta Brandão (2001 p.10,11):

“Temos na adolescência uma fase em que por excelência o arquétipo do herói está constelado em nossa personalidade. É a hora da grande batalha para se sair do mundo parental, para a morte simbólica dos pais e do filho, para assim poder surgir o indivíduo, o adulto. Nesta fase, o herói, presente em nossa personalidade, assume as mais variadas características, dependendo de diferentes aspectos biopsicossociais e da natureza onde vivemos. Em nível coletivo ele vai assumir características próprias do momento cultural de determinada sociedade. O perigo de se ficar identificado com o arquétipo do herói, como também com qualquer outro arquétipo, é ultrapassar o “métron”, a medida humana. Isto fica bem caracterizado nos mitos e expresso na famosa frase do oráculo de Delfos “gnôthi s’auton” – o célebre “conhece-te a ti mesmo” do tempo de Apolo”.

Ao se exibir o registro da fala dos adolescentes, que não tinham quarto separado em suas casas, detectamos o descaso os pais e dos órgãos públicos no trato com esses jovens. Sua fala é contundente e nos leva a reflexões significativas sobre o que estamos fazendo e o que se poderia fazer nesses casos:

“Durmo na sala. Vou para o Pólo Central¹⁹ na sala da diretora, chamava para cheirar cola e dormia, foi só no dia que fiquei na rua. No dia que dormi tinha medo, foi no dia da chuva”(sic).

Esse adolescente pertence às camadas populares mais pobres de Fortaleza; muitos são os dias em que o mesmo dorme na rua.

¹⁶ É evidente que o conceito de poder em FOUCAUT, Michel. Vigiar e Punir. 26ª Ed. Vozes. Petrópolis. 2002, p. 68. foi extraído da Vontade de Potência pertinente a Nietzsche, pois o primeiro foi aluno do segundo. No caso em tela o poder não está explícito mas deixa transparecer na fala do adolescente, estando subjacente ao que está sendo dito. Assim como o Estado impõem limites, por meio das punições, nos presídios como analisa o autor os adolescentes infratores, muitas vezes de forma inconsciente, ditam as regras e as normas no seio familiar e da própria comunidade em que vive. Isso independentemente de ter quarto separado ou não, porém no discurso posto acima mostra resquício de poder e dominação. Dominação imposta pelo medo, pela capacidade de se fazem respeitado, como deixa transparecer muitos adolescentes, cujo desejo pode levá-lo ao ato infracional.

¹⁷ MORGAN, F. apud MICHEL, André. Sociologia da família e do casamento. Ed Res. Porto. Portugal. 1983. p. 37. Definir o conceito de família é uma tarefa muito complexa e envolve vários tipos de conhecimento. Porém o discurso dos jovens nos leva à resquícios primitivos das relações estabelecidas entre os membros das famílias naquele período de que trata Engels, nas quais predominavam as relações promiscuas, ao estilo da uma sociedade sem regras e Leis, discutida por Durkheim quando fala da anomia.

¹⁸ A psicologia primitiva foi muito estudada por Jung e confirma a tese de que está atrelada a natureza, cujos fenômenos são concebidos como dados advindos do próprio estado de natureza.

¹⁹ Instituição do Governo do Estado onde se planeja atividades direcionadas as camadas populares mais pobres.

Outros jovens também colocaram o seguinte discurso:

“Eu dormia na sala de jantar. Tanto faz pra mim”(...). “Dormia no quarto com minha mãe, quando era solteiro”(...). “Quando me juntei com a Cristiane²⁰, dormia no quarto com ela. O jovem convive maritalmente com uma mulher e já têm um filho. Durmo com minha esposa, minha companheira”(...). “A casa tem somente dois quartos. Eu durmo na sala”(sic).

Aí configuram-se alguns relacionamentos que são efetivados segundo a lógica da satisfação das pulsões²¹, pois o jovem não tem as condições civilizatórias indispensáveis ao exercício da regência de dono de casa e ou pai de família.

Frente a isso, consciente da necessidade de uma reflexão aprofundada sobre o significado da moradia para o sujeito, far-se-á aparecer o discurso de Nietzsche (1981, p.180), quando fala do Homem, no que tange à necessidade de possuir um habitat, para o exercício da cidadania. O autor referido declara:

“O Homem é a única criatura que recusa ser o que é. Trata-se de saber se essa recusa pode levá-lo tão-somente à destruição dos outros e de si mesmo, se toda revolta deverá terminar numa justificação do assassinato universal, ou se, ao contrário, sem pretender uma impossível inocência, ela pode descobrir o princípio de uma culpabilidade racional”.

Esta citação nos remete aos Homens, em geral, e particularmente aos adolescentes, pois são muitos os que promovem as práticas dos atos infracionais como forma de se punir, para superação da culpabilidade do desconhecido.

Neste estudo estamos tratando da moradia como coadjuvante dos processos inclusos no ato infracional cometido por jovens; muitos deles têm vergonha da casa ou local onde residem. Por isso, formulamos a seguinte pergunta: Que você acha de sua residência? As respostas foram manifestas de imediato. Oferecem um conteúdo bastante significativo para se compreender o jovem na prática do ato infracional.

“É melhor do que onde estou”(...), refere-se ao Centro Educacional em que está internado. “Mais

ou menos”(...), simbolicamente a casa representa muito pouco. “Muito interessante. Sei que errei, mas o erro que cometi não foi consciente; o erro que cometi não vai ser cometido nunca mais, nenhum deles. Morei muito tempo. A mamãe se mudou porque não gostava do bairro”(sic).

Aí, o jovem tenta se utilizar do mecanismo de defesa da anulação²², para justificar suas atitudes.

É prudente voltar ao discurso dos jovens:

“Minha casa é boa. Faz catorze (14) anos que moro lá. Minha mãe não gosta que eu fique falando com os vizinhos, só quer que fale com a mulher da sorveteria”(...). “É bom né”(sic). “Acho legal”(...). “Gostava de lá”(sic),

A última resposta diz respeito ao Centro Educacional, as outras falas discutem a problemática da residência, da moradia onde vive o jovem e sua respectiva família. A primeira resposta deste bloco revela uma residência de qualidade, pois o jovem considera boa. Por isso, é oportuno analisar certos dados:

“Acho bom. Quando sair de lá vou ficar em casa, não vou ficar na rua. Eu digo: mãe eu vou lá pro pólo, passo dez dias ou mais fora de casa”(sic).

A contradição é evidente; o jovem não gosta da sua residência, pois está situada num local onde a pobreza é ostensiva, assim como também o preconceito estabelecido na comunidade. A maioria dos moradores tem vergonha de suas moradias.

Em outro discurso, emerge uma outra realidade, porém contendo certos aspectos que são comuns no conjunto dos entrevistados e das moradias a que estamos nos referindo.

“Moro no Pirambu. Não acho nada não. Eu não gosto muito não. Ninguém acha bom ali dentro não. Minha casa é grande. Eu, meu irmão, minha mãe e meus dois outros irmãos, só”(sic).

Está apontando as pessoas que moram na residência. O bairro a que se refere o adolescente e onde reside com sua família é um dos mais violentos de Fortaleza.

Evidencia-se uma severa rejeição direcionada para o local onde o jovem mora, especialmente por

²⁰ O nome da adolescente é fictício e substitui o original.

²¹ BLOCHE, A. M. B. et al. Conceito utilizado por Freud para designar um estado de tensão que busca, através de um objeto, a supressão deste estado. Eros é a pulsão de vida e abrange as pulsões sexuais e as de autoconservação. Tanatus é a pulsão de morte.

²² Mecanismo de defesa através do qual o indivíduo invalida pensamentos ou ações passadas e suas conseqüências, utilizando um comportamento ou pensamento com significação oposta. A anulação retroativa é “mágica” encontrada particularmente na neurose obsessiva”. ELYSEU JR., S. Mecanismo de defesa do ego na formação do sonho. São Paulo: ed. Papirus, 1989.

conta da violência que se processa no bairro; sua família é ameaçada a todo instante. Os membros da família buscam a união como forma de superação da agressividade que se estabeleceu naquele bairro. Sentem-se reféns da violência produzida pelas condições sócio-econômicas e por outras coisas mais que acontece ao longo da história daquele logradouro.

Conclusões muito preliminares

Do ponto de vista da subjetividade, reconhece-se que a fala do jovem traduz o processo de autorejeição, pois ele projeta na moradia para tentar se defender do sofrimento que a pobreza acarreta. Coloca, também, que sua casa é grande, porém não gosta de onde mora; guarda em seu interior muita insatisfação e, com certeza, muito medo. São muitos os jovens, ali, que tencionam fazer-lhe mal. Frente a isso, detectamos que a violência é parte integrante não só do bairro ou da casa onde mora este jovem; ela contamina a vida psíquica do sujeito, facilitando, em muito, a formação de uma dinâmica social repleta de conflitos e contradições, com sérios sintomas de paranóia.

Infelizmente, cabe aqui somente o enquadramento do conceito de entropia, para compreender e explicar as condições em que vivem os adolescentes carentes e seus familiares. As moradias e o estado de extrema pobreza em que vive essa camada de baixíssima renda nos autorizam a afirmar que o ato infracional é compatível com esta realidade, em reconhecida conformidade com a lógica estabelecida cuja principal característica é a perversão da lógica humana. Quando utilizamos o conceito de entropia, como está sendo colocado, não devemos incorporar uma postura de acomodação, e sim mostrar que essa configuração é produto de um sistema excludente, que extrai do trabalhador tudo o que pode financiando injustamente as excelentes condições de uma minoria privilegiada.

Dentre os múltiplos aspectos revelados no percurso da descrição e análise do objeto em estudo, percebe-se que os predicados atribuídos aos jovens são todos de conotação pejorativa, imbricados na lógica instituída, o que, a grosso modo, implica na exploração do Homem pelo processo produtivo e de alienação. Em outras palavras: a sociedade produz todas as condições para que o jovem se utilize de meios impróprios no exercício de uma vida sem dignidade. A fome e seus derivados exprimem o cotidiano das pessoas e de suas famílias, sendo necessário roubar ou mesmo matar para efetivar o que está garantido na Lei: que todos têm direito à moradia, alimento, educação e

outros itens básicos. Porém, o Estado não cumpre o que está posto. O problema se estende à polícia; os jovens constatarem que são muitas as invasões às suas moradias, seu espaço sagrado. Por isso, cada vez mais a violência, a revolta e seus derivados.

Com isso, faz-se necessário estabelecer o cumprimento das Leis, principalmente quanto à ação policial, ao tempo em que se faz necessário intervir em políticas públicas, para minimizar a questão da marginalidade. Isso não é muito difícil; basta apenas uma educação de qualidade e boas condições de trabalho para elevar o nível da renda, evidentemente sob o teto de uma habitação digna do ato de viver.

Grande parte dos jovens inquiridos manifestou que sua casa é aconchegante, o que, em última análise, transmite a noção de segurança e afetividade. O diálogo mostra muitas contradições e, por tudo, merece atenção especial. A representatividade da casa, existente na mente dos jovens; remete o pesquisador aos homens primitivos, cuja moradia era um espaço definido e sagrado, como os templos dos Chineses.

É oportuno ratificar que os resultados obtidos com a presente investigação são representativos; que a moradia é indispensável para se manter o equilíbrio desejado por todos que formam a sociedade. Associado a isso, que a justiça social seja implementada com maior eficiência e a distribuição de renda seja a tônica do projeto existencial. Por último, frisamos: a revolta não diz respeito somente à invasão objetiva do lar, mas, sobretudo à subjetividade; seu conteúdo faz emergir mecanismos direcionados à geração de sérios conflitos, capazes de transformar pessoas em seres destituídos sentimentos próprios do ente humano, que, ao matar seu semelhante, fere o mais profundo princípio pertinente ao Homem, qual seja: a preservação da sua própria espécie.

Referências

- BOCHE, A. M. *Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAPRA, F. *A teia de vida: uma nova compreensão científica dos sistemas*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ELYSEU JÚNIOR., S. *Mecanismo de defesa do ego na formação do sonho*. São Paulo: Papirus, 1989.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C. G. *Psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

MICHEL, A. *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Ed. Porto, 1983.

Data do Aceite: 2004.